

FITOUSSI: Com mais vontade política!

O senhor já pensou num cenário de fim da zona do euro?

FITOUSSI: Há vários cenários possíveis, que me parecem improváveis. Um é a saída de países em dificuldade, o que levaria à valorização tão grande das moedas dos que ficariam no bloco que isso resultaria numa depressão econômica muito grave. O segundo cenário, também improvável, é que a Alemanha deixe o euro. A escolha é: morrer fazendo os países do Sul saírem ou morrer fazendo os do Norte saírem. Nos dois casos, vamos morrer.

O senhor vê consequências para países emergentes como o Brasil?

FITOUSSI: É uma má notícia para esses países, porque se a Europa se afundar numa depressão, esses países perderão mercado. Nesta questão, todo mundo perde. O mercado europeu é o segundo maior do mundo.

O Brasil defende que os Brics ajudem a Europa por meio do Fundo Monetário Internacional ou comprando títulos da dívida. O que acha?

FITOUSSI: O Brasil tem razão. O que o Brasil entendeu, os alemães ainda não entenderam.

Comprar títulos de endividados é arriscado para os emergentes?

FITOUSSI: Não, porque se compram a dívida acabam com o risco, permitindo à Europa sair da crise sem ter que passar por um período de depressão.

Mas o senhor não está otimista.

FITOUSSI: Estou, na verdade, perplexo em ver uma situação que parece simples de resolver, mas que, aparentemente, a Constituição Europeia não deixa resolver, porque impõe a unanimidade.

O que é preciso para acordar os políticos europeus?

FITOUSSI: Faço a mesma pergunta. Estão aparentemente adormecidos. Haverá eleições na França no ano que vem, o que limita a possibilidade de solidariedade. Na Alemanha, também haverá eleições. Se ambos estivessem em início de mandato, talvez a questão fosse resolvida mais rapidamente.

Não haverá uma solução rápida.

FITOUSSI: O grande perigo hoje é o afundamento dos bancos. Os Estados não permitirão isso. E vão acabar entendendo que, se não quiserem que seus bancos afundem, precisamos ajudar os países em dificuldade. Os bancos franceses estão ameaçados, mas também os alemães, italianos, espanhóis. Em geral, todos os bancos europeus estão ameaçados.